



REFLEXÃO BÍBLICA

Amar servindo, servir amando

“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros”. (Jo 13,35)

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ

5º Domingo da Páscoa — Ano C

Vivemos a cultura da imagem; preocupa-nos e nos interessa a imagem que apresentamos, a imagem que os outros tem de nós e a que vemos nos outros. Certas imagens se fazem “virais” em poucos minutos e elas configuram as conversações, as ideias, valores, gostos...

No contexto do Evangelho deste

domingo podemos nos perguntar: **como seguidores(as) de Jesus, qual é a imagem que deixamos transparecer em nossa vida?** Quê imagem nos identifica? Quê imagem difundimos? Os primeiros cristãos tinham muito claro que havia um sinal através do qual eram reconhecidos. Sua vida, a partir do momento em que se tornavam seguidores de Jesus, era tão distinta que não passava despercebida. *“Vede como eles se amam!”*

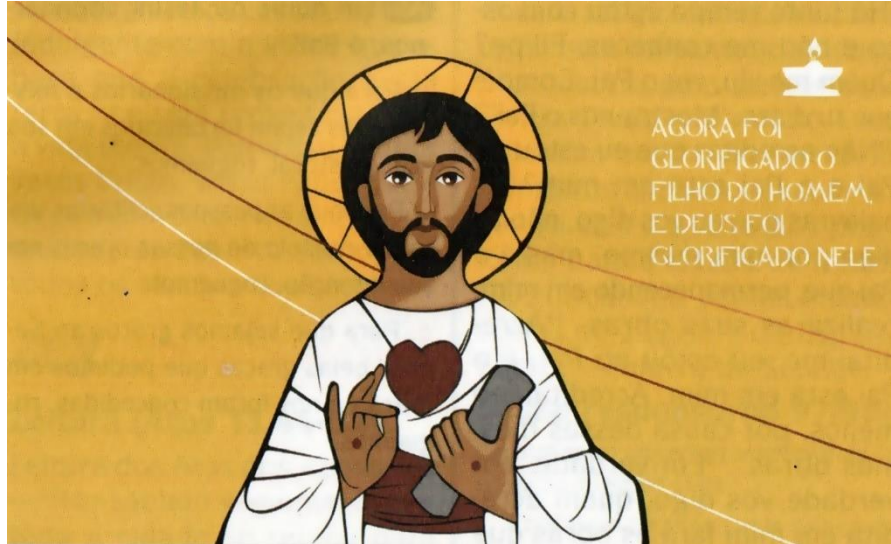


Ilustração: IAS Agência (Liturgia Diária da Paulus, maio'2025 - p.74)

No evangelho de João, Jesus destaca o distintivo de quem o segue: *“o sinal pela qual todos conhecerão que sois meus discípulos será que vos ameis uns aos outros”.*

Jesus não está na cultura da imagem, do externo, daquilo que brilha superficialmente... **Ele nos fala do amor; mas o amor com um estilo próprio:** *“como eu vos amei”.*

O sinal dos seus seguidores(as) não é algo que se “pendura no pescoço”, não consiste em tingir tudo de uma determinada cor, repetir determinadas fórmulas ou praticar os mesmos costumes, inclusive piedosos...

O que permite descobrir se uma comunidade que se diz cristã é realmente de Jesus não é a confissão de uma doutrina, nem a observância de alguns ritos, nem o cumprimento de algumas disciplinas, mas o amor vivido no espírito de Jesus. Nesse amor está sua verdadeira identidade.

Vivemos numa sociedade onde se impõe cada vez mais a “cultura da troca”; as pessoas trocam mutuamente objetos, serviços e prestações. Com frequência, trocam sentimentos e até amizade. Eric Fromm chegou a dizer que *“o amor é um fenômeno marginal na sociedade contemporânea”.* Pessoas capazes de amar, no sentido evangélico, são uma exceção. O que predomina, mesmo entre aqueles que se dizem cristãos, é o veneno do ódio, da intolerância, do racismo, da xenofobia...

De fato, para viver hoje o amor cristão (oblativo, gratuito, aberto...), faz-se necessário resistir ao clima pesado que envolve a sociedade atual. Não é possível viver um amor inspirado em Jesus sem distanciar-se do estilo de relações e trocas interesseiras que predomina, com frequência, entre nós.

Se a Igreja está se diluindo em meio à sociedade contemporânea não é só por causa da crise profunda das instituições religiosas. No caso do cristianismo é, também, porque muitas vezes não é fácil ver em nossas comunidades discípulos e discipulas de Jesus que se distingam por sua capacidade de amar como Ele amava. Falta-nos o distintivo cristão.

Como cristãos, falamos muito do amor. No entanto, não atrevemos a dar-lhe seu verdadeiro sentido a partir do espírito e das atitudes concretas de Jesus. Falta-nos aprender que Ele viveu o amor como um modo de proceder ativo e criativo que o levava a uma atitude de serviço e de luta contra tudo o que desumaniza e faz o ser humano sofrer. Cresce entre nós a vivência de uma religião estéril, egóica, sem identificação com o Jesus dos Evangelhos.

Sabemos que, historicamente, os cristãos iniciaram sua expansão numa sociedade na qual havia diferentes termos para expressar o que hoje chamamos **amor**. Havia muitas formas de amar e sabemos que nem todas estavam em sintonia com o amor vivido por Jesus.

A palavra mais usada era **“filia”**, que designava o afeto para com uma pessoa próxima e se empregava para falar da amizade, do carinho ou do amor aos parentes e amigos. Falava-se também de **“eros”** para designar a inclinação prazerosa, o amor apaixonado ou simplesmente o desejo orientado para o prazer e satisfação sexual.

O amor que Jesus nos ensinou com sua pregação e com sua vida era tão novo que os cristãos tiveram que buscar no vocabulário uma expressão que se aproximasse dessa nova maneira de amar. Não queriam que o amor inspirado por Jesus fosse confundido com qualquer outra coisa. Começaram a reservar a palavra **“ágape”** para designar esse amor que, a partir de então, seria o sinal de identidade dos seguidores do Mestre. Um amor que não nasce do dever, mas da compreensão profunda e da identificação com todos os seres. Um amor que se expressa na inclusão universal e no serviço.

Daí a intenção em formular bem o “mandamento novo do amor”: *“eu vos dou um novo mandamento, que vos ameis uns aos outros como eu vos amei”*.

A maneira de amar de Jesus revelou-se inconfundível. Jesus transitou e ensinou o **caminho do amor**. E é isso que os Evangelhos mais ressaltam na pessoa de Jesus: sua extraordinária capacidade para amar, para dar e receber amor. Ele não se aproximava das pessoas buscando seu próprio interesse ou satisfação, sua segurança ou bem-estar. Só desejava fazer o bem, acolher, mostrar compaixão, oferecer amizade, ajudar a viver... É assim que Ele será recordado pelos primeiros cristãos: *“Passou toda sua vida fazendo o bem”*.

Nesse sentido, seu amor tinha um caráter serviçal; amor que se fazia serviço e o serviço vivido com amor. Jesus se colocava a serviço daqueles que mais precisavam. Abria espaço em seu coração e em sua vida para aqueles que não tinham lugar na sociedade e na religião daquele tempo; defendia os fracos e pequenos, os que não tinham poder para se defenderem por si mesmos, os que não eram grandes ou importantes; aproximava-se daqueles que estavam sozinhos e desvalidos, daqueles que não conheciam o amor e a amizade.

Todas as pessoas cabiam em seu coração, mas de um modo especial os últimos, os pequenos, os pobres, os excluídos, os simples a quem o Pai lhes revela os segredos do Reino; tudo isso fazia Jesus vibrar intensamente. **Ele fez do amor o único necessário**, a razão de sua vida e entrega e, **por isso, pode ensinar com autoridade**, revelando que ganhamos ou perdemos a vida em função de que tenhamos ou não amado.

O(a) seguidor(a) de Jesus não se caracteriza por pertencer a uma determinada religião, nem por doutrinas, nem ritos, nem normas morais..., mas por sua capacidade de **amar**. Ser seguidor(a) de Jesus, portanto, é uma **questão de amor**; é viver no “**fluxo do amor**” que tem sua fonte no coração do Pai. Trata-se do amor “**ágape**”, o amor superabundante, o amor de gratuidade, o amor que transborda, que nada pede em troca. Amar sem ter nada de particular para amar. Amar não a partir de nossa carência, mas amar a partir de nossa plenitude. Amar não somente a partir de nossa sede, mas amar a partir de nossa fonte que corre.

Não podemos esquecer que o amor é um sentimento nobre e divino, que é preciso ativá-lo, pouco a pouco, ao longo da vida; muitas vezes, damos por suposto que o ser humano sabe amar espontaneamente. Por isso, é possível detectar tantos erros e tanta ambiguidade nesse mundo misterioso e atrativo do amor.

Nesse sentido, o “**novo mandamento**”, vivido e proclamado por Jesus, **é um convite a viver o que somos** (nossa essência), **conectados com o Mistério amoroso que tudo anima e sustenta**. O amor que Jesus nos pede deve surgir de dentro, não se impõe de fora como se fosse uma lei. Mais que um simples preceito, o Amor é atitude permanente de vida; tal como uma fonte, ele jorra continuamente de nosso interior, gerando vida ao nosso redor.

Todos nós, criados à imagem e semelhança do Deus Amor, carregamos a “faísca do amor”, que deve ser ativada na relação com os outros e com o próprio Deus. Na medida em que vamos conhecendo e vivendo nosso verdadeiro “eu”, **o amor vai abrindo caminho** e nós vamos nos parecendo mais e mais com o Deus que é puro Amor.

Texto bíblico: Jo 13,31-35

Na oração: O Amor originante e fontal de Deus Ihe envolve permanentemente; marcado pela gratidão, queira entrar em sintonia, “ajustar-se” ao modo de amar de Deus: amor descendente, amor sem fronteiras, oblato, aberto, e que se “*revela mais em obras do que em palavras*”.

— Movido pelo **Amor** transbordante de Deus, entre no fluxo desse Amor criativo, “descendo” à realidade cotidiana e ali deixando transparecer esse mesmo Amor através de suas obras.